

**Entrevista realizada pela Jornalista e Assessora de Comunicação
Ir. Maria Neusa dos Santos, em São Paulo/SP, no ano de 2023, com
a Irmã Maria Inês Ribeiro, EX-PRESIDENTE DA CRB NACIONAL.**

Ir. Maria Neusa: Irmã, estamos resgatando a memória do seu mandato, de 2016 a 2019. Nesse triênio, tinham como horizonte que, nesse processo de transformação, conscientes da crise política, ética, social e econômica no Brasil, acreditando que Deus está fazendo novas coisas, a partir de Isaías 43. Iluminados pela Trindade, em comunhão com a Igreja, em sintonia com a Clar e com todos os outros jeitos de fazer a evangelização, vocês tinham algumas prioridades, mas se basearam muito em “eis que estou fazendo uma coisa nova!”. Quais as memórias do porquê desse objetivo e a memória missionária que tiveram na época desse mandato?

Irmã Maria Inês: Me lembro muito bem da preparação e da assembleia, e depois da realização e da conclusão deste lema e suas prioridades. Então, o que era muito presente entre nós, como Vida Consagrada na coordenação nacional, era exatamente isso; o Espírito estava suscitando passos para a Vida Consagrada no sentido de ser uma presença libertadora, consciente, em favor da vida. E que, às vezes, nós não estávamos enxergando o que o Espírito estava suscitando, porque, em cada gesto, em cada palavra e ação dos religiosos e religiosas, o Espírito está realizando coisas novas, e, às vezes, nós não estávamos vendo toda ação e toda presença da Vida Religiosa no Brasil. Então, eu me recordo muito bem que o profeta Isaías fala: "Olha, estão acontecendo coisas novas, que podem ajudar a transformar a realidade, vocês não estão vendo e não estão investindo forças naquilo que o Espírito está suscitando para a Igreja, para a Vida Consagrada, para o mundo de hoje". Então, nesse sentido, nasceu a escolha desse lema do profeta Isaías.

Ir. Maria Neusa: Irmã, sobre a mística, vocês dizem que ela é a marca do Espírito de Deus que habita em nós, ou seja, ela acaba sendo um pouco a alma do ser e da missão do consagrado. Fale-nos um pouco mais sobre a questão mística vivenciada nesse jeito de estar com novas tecnologias, com as dificuldades do tempo contemporâneo. Como era viver essa mística?

Irmã Maria Inês: Então, nós podemos dizer que a espiritualidade é buscar. É ter um sentido para a vida. Quando nós falamos de místicos(as), são pessoas que se encontram plenamente em Deus e com o olhar profundo na realidade. A Vida Consagrada, para mim, para nós, é exatamente esta encarnação de pessoas plenas de Deus com coração ardendo de amor, de paixão por Deus, pelo caminho de Jesus, pelo Reino, e que, com essa paixão, justamente, faz agir. A mística, para mim, é justamente isso, pessoas profundamente enraizadas em Deus e com os pés na realidade, com os pés a serviço do povo de Deus, a serviço da missão,

justamente em resposta aonde a vida mais clama. Gosto muito de lembrar da Irmã Mercedes Casas, que sempre dizia que o lugar da Vida Consagrada é onde a vida clama, para responder, não é? E, para ser presença de libertação onde a vida está clamando, têm de ser pessoas místicas, quer dizer, pessoas profundamente enraizadas em Deus e com os pés na realidade. Isso que moveu nossa conferência, nossa diretoria e a assembleia que preparou esse triênio, foi justamente isso: o que era a mística? Religiosos conscientes dessa necessidade de estar em Deus e estar com os pés na realidade, e são pessoas profundamente místicas. E agora nós estamos vivendo o ano vocacional, que diz justamente: “se o coração não arde, os pés não andam”, então místico é aquele cujo coração arde e que vai ao encontro das necessidades do povo de Deus e da vida humana.

Ir. Maria Neusa: Foram muitos gestos proféticos, que trouxeram vários gestos proféticos da Vida Religiosa Consagrada hoje. Mas, na sua presidência, a conferência conseguiu visibilizar alguns gestos proféticos da Vida Religiosa? A senhora poderia citar alguns?

Irmã Maria Inês: Nesse período, com o lema "Eis que estão fazendo coisas novas", me recordo muito bem desta abertura, já dentro do pontificado do Papa Francisco, de sermos uma Igreja em saída. Nós recebemos a visita de Dom Luís, que era bispo de Pemba, norte de Moçambique. Ele nos visitou na CRB justamente no Ano da Vida Consagrada, em 2015, e nos perguntou: “Que gesto missionário que vai marcar o Ano da Vida Consagrada no Brasil?” E, conversa vai e conversa vem, como diz o ditado, nasceu dentro de nós o desejo, com o apelo de Dom Luís, de irmos ao norte de Moçambique! E nasceu a missão, no ano de 2016, de acolher justamente a realidade do norte de Moçambique, pois ele tinha pouquíssimos missionários, situações de extrema necessidade, de pobreza, de marginalização e, ao mesmo tempo, de carência de missionários para a evangelização. Então a CRB, em 2016, abriu essa comunidade em Pemba, no norte de Moçambique, na diocese, em uma paróquia de Metoro, em uma aldeia onde há uma comunidade chamada Silva Macua. Ali, as irmãs realizaram um trabalho com as crianças, as mulheres, principalmente as mulheres, porque uma das coisas que Dom Luís queria muito era a presença junto à exploração de mineração, minas de carvão etc., onde havia muitas mulheres em situações de vulnerabilidade, escravizadas, abusadas, e as irmãs iam ao encontro dessas mulheres, para reuni-las, para escutá-las, para estar no meio delas. Então, o trabalho com as crianças e as mulheres na evangelização, no reforço escolar (criança sem escola), essa presença foi realmente um gesto profético, missionário do Ano da Vida Consagrada, que se concretizou na nossa conferência nesse triênio.

Ir. Maria Neusa: Para concretizar esse gesto profético, vocês tiveram de trabalhar com intercongregacionalidade. Esse foi um dos grandes passos que a conferência deu nesse mandato. A senhora poderia comentar sobre essa relação sinodal entre congregações em vista de uma missão?

Irmã Maria Inês: Interessante que nesses dois triênios, de 2016 até 2022, a CRB realmente desenvolveu um trabalho de um incentivo, de um fortalecimento muito grande da intercongregacionalidade. Apoiamos diversas iniciativas de intercongregacionalidade, e este projeto de Pemba Moçambique também foi uma comunidade intercongregacional. Começamos com quatro irmãs na região. Então, a CRB não só incentivou essa abertura da intercongregacionalidade, como também preparou, acompanhou desde o início, reuniu essas missionárias na sede de Brasília para haver um início de convivência, de preparação, e assumir o trabalho na intercongregacionalidade. Eu me lembro muito bem do esforço que fazia o nosso setor missão na CRB nesses dois períodos, de um acompanhamento quase que personalizado, quase que diário do setor missão. Nós tivemos a presença da Irmã Fátima Carpe, com quem trabalhamos junto durante sete anos na CRB. A dedicação para esses projetos intercongregacionais no Haiti, em Pemba, Oiapoque, São Feras do Araguaia, onde há uma comunidade até hoje, trabalhando com os Xavante, foi iniciativa da CRB. Mesmo que não tenha sido um projeto assumido por nós, quando o Bispo de São Feras do Araguaia pediu uma comunidade intercongregacional, para uma região com seis aldeias xavantes com falta de missionários, falta de presença, queria justamente a Vida Religiosa feminina, porque se insere na família, vai ao encontro das crianças, das mulheres. Então realmente cresceram na CRB essas iniciativas intercongregacionais, e continuamos a incentivá-las. Se olharmos todo o trabalho que se realiza na ANEC (que é um projeto intercongregacional da Vida Consagrada), e agora está surgindo também um projeto dos consagrados e consagradas na saúde, uma associação que reúne os profissionais religiosos da saúde na intercongregacionalidade, dando o apoio às iniciativas e aos projetos na área da saúde. A CRB sempre apoiou, porque não é por falta de religiosos, mas sim porque trocamos experiências, fortalecemos e abrimos os olhos para onde a vida clama e unimos forças. Se nós olharmos esses projetos intercongregacionais, eles foram realizados justamente em situações prementes, gritantes e que precisavam de mais forças. Às vezes, uma congregação não tem um pessoal suficiente e nem estrutura, uma visão para poder abraçar um projeto intercongregacional com uma conferência como respaldo, como ajuda, como formação, como fortalecimento. Eu vejo esse sentido quando a conferência abraça, acolhe e acompanha os projetos intercongregacionais.

Ir. Maria Neusa: Tem a questão do rosto da Vida Religiosa mais próximo dos mais necessitados. A conferência também acompanhava muito de perto toda missão ribeirinhas com o pessoal da comunidade itinerante. A senhora tem alguma memória do profetismo nesses lugares?

Irmã Maria Inês: Então, desde que iniciei o trabalho na CRB Nacional, em 2013, nenhuma atividade, nenhuma iniciativa da equipe itinerante foi deixada de lado como preocupação da CRB Nacional. Em cada encontro anual da equipe itinerante, nossa assessora do setor missão estava sempre presente. A nossa presença não

era apenas de apoio, incentivo e cooperação, mas também para divulgar na Vida Consagrada este projeto de uma Vida Consagrada Itinerante, apoiando as comunidades na Amazônia, onde há falta de evangelizadores e missionários. O projeto se tornou mais marcante, com maior tempo de inserção, escuta e evangelização. Um projeto que nasceu pequeno e que agora foi abraçado pela Clar (Confederación Latinoamericana de Religiosos), não sendo mais apenas da nossa Igreja no Brasil, mas estendido por toda a América Latina. A nossa presença como conferência, como coordenação nacional, tinha como objetivo fortalecer e dizer: "Estamos com vocês". É um projeto que precisa crescer, uma iniciativa de presença da Igreja. Muitas vezes, não é apenas o que um missionário ou missionária faz, mas sim a presença de escuta, apoio, incentivo, sendo voz em situações em que, muitas vezes, não há possibilidades. Nossa conferência sempre apoiou muito as iniciativas da equipe itinerante.

Ir. Maria Neusa: Quais eram as esperanças já no mandato do Papa Francisco? Existia muita vontade ou sonhos da Vida Religiosa de chegar a outros cantos do país também, não é? Quais eram as esperanças desse mandato de 2016 a 2019? De dar passos largos na intercongregacionalidade?

Irmã Maria Inês: Claro que sentimos um pouco as nossas carências na Vida Consagrada, como a falta de vocações e o envelhecimento humano, mas sonhamos muito em ter mais comunidades intercongregacionais na Amazônia, no Mato Grosso e nas periferias das grandes cidades. A Regional de Belo Horizonte, por exemplo, teve mais de uma iniciativa de comunidades intercongregacionais no Vale de Jequitinhonha, e assim por diante. É nosso desejo forte que a Vida Consagrada feminina possa se engajar mais em projetos intercongregacionais, atendendo a situações mais vulneráveis e sofridas, em que, às vezes, uma congregação vê, mas não tem pessoal suficiente unindo forças para poder atender. Esse era o nosso sonho dentro deste pontificado do Papa Francisco, que prega uma Igreja em saída, em que, realmente, como nos diz o Papa: "É preciso cheirar as ovelhas". E, para sentir o cheiro das ovelhas, é preciso estar no meio delas, com elas e com o povo de Deus.

Ir. Maria Neusa: Falando em Papa Francisco, a senhora também faz parte da Comissão para a Vida Consagrada. É sempre uma alegria para a Vida Religiosa, sobretudo para a Igreja, quando ela reconhece a voz profética da mulher consagrada. A senhora poderia falar sobre essa alegria?

Irmã Maria Inês: Quando o Papa Francisco disse, no Ano da Vida Consagrada: "Onde tem consagrados, tem alegria", e quando ele, por meio do dicastério para a Vida Consagrada, me convidou como consultora do dicastério, foi uma alegria poder continuar, mesmo depois de deixar a presidência da CRB, nessa missão de animar a Vida Consagrada, de colaborar na formação dos consagrados. Isso toca profundamente o meu coração, porque o ardor que o Senhor colocou em mim, eu

quero viver como consagrada, no meio dos consagrados consagradas. Tenho vivido essa experiência de ajudar, fortalecer, conviver, dinamizar e sentir que vale a pena. A vocação é graça e missão, para ser vivida na alegria, com entusiasmo, para doar a vida pelo Reino, para estar no meio do povo, ser uma presença libertadora, de alegria, de evangelização plena, que é anunciar o Reino e denunciar aquilo que deturpa o caminho que Jesus deseja: vida e abundância digna para todos. A presença dos religiosos e religiosas consagrados é sempre uma alegria. Sempre me encanta quando estou no meio do povo, como as pessoas recebem um consagrado ou uma consagrada. Como somos acolhidos, como somos uma presença que alimenta, que dá esperança. Agradeço a Deus pela oportunidade de servir, não só no nível de nosso país, mas também à Vida Consagrada no mundo, naquilo que solicitam o dicastério e a Igreja para todos nós.

Ir. Maria Neusa: Houve alguns desafios certamente, tanto no primeiro triênio quanto no segundo. Os documentos trazem um dos desafios em que vocês se esmeraram muito, que foi a questão das relações humanizadoras na Vida Religiosa. Que memória a senhora tem desse desafio, que ainda enfrentamos?

Irmã Maria Inês: Uma das realidades que estou vivendo, que vivi durante todo o período na CRB, é exatamente a questão das relações. Nos dois mandatos, nesses dois períodos em que estive mais inserida nos serviços da CRB, as relações humanizadoras apareceram como prioridade. Acho que as mudanças no mundo são muito rápidas. Essa integração, esse abraçar as realidades diferentes, a interculturalidade que foi entrando, nós estamos vivendo isso nas relações. Na diversidade cultural, na diversidade dos avanços tecnológicos, nas diferenças, na intergeracionalidade, nos avanços que influenciam as novas gerações e, claro, nas gerações mais vividas. Às vezes, há grandes choques na vida comunitária, mas por questões de diferenças, pequenas coisas. Isso me dói muito na Vida Consagrada, perceber a dificuldade que vivemos, às vezes, nas relações nas comunidades. Este é um clamor para mim: como podemos, como Vida Consagrada, encontrar pontos para crescermos na unidade,

Ir. Maria Neusa: Em 2019, já no segundo mandato, vocês definiram um olhar um pouco para o capítulo 2 do Evangelho de João, quando diz: "Fazei tudo o que ele vos disser". Não esperávamos que a Vida Religiosa e a sociedade toda passassem por uma pandemia, quase que próximo a um ano no segundo mandato. Como foi viver essa experiência na presidência, de alguma forma tendo que reinventar as maneiras de formar ou de estar próximo da Vida Religiosa?

Irmã Maria Inês: Interessante, nós tivemos, no triênio de 2016 a 2019, o lema "Eis que estou fazendo uma coisa nova", o que nos ajudou a despertar para ver o que o Espírito Santo estava realizando na Vida Consagrada. No outro triênio, com o lema "Fazei tudo o que ele vos disser", estávamos vendo o que devíamos fazer

quando veio a pandemia. Eu estava olhando o nosso plano desse triênio, quantas coisas que ficaram incompletas, inclusive, em 2020, nós estávamos preparando, já estava praticamente tudo organizado para um segundo grande congresso da Vida Consagrada em Aparecida, que não aconteceu, seria realizado em maio de 2020. Aquele período foi muito intenso e interessante na Vida Religiosa no Brasil. Logo no começo, com o setor de comunicação da CRB, começamos aprender a realizar lives, encontros, encontros orantes, momentos de reflexão. Nós éramos a comunidade intercongregacional que estava junto na residência da CRB, e esse período foi belíssimo, intensificando a convivência, a vida de oração, e buscando respostas para esse momento em que não podíamos ir às regionais nem realizar encontros presenciais.

Ir. Maria Neusa: A senhora é uma simpatizante, mas também uma nata comunicadora, e, nesses dois mandatos, houve muito investimento em relação à comunicação. A senhora considera isso um ponto essencial para podermos nos aproximar mais da sociedade, que tanto necessita de uma palavra de esperança?

Irmã Maria Inês: Sem dúvida. Se tivéssemos mais recursos financeiros, teríamos investido ainda mais. Desde o início, foi uma preocupação em crescer, e cresceu nesse período da pandemia. Criamos um pequeno estúdio e investimos mais em pessoas e equipamentos, de acordo com as nossas possibilidades. Víamos, realmente, que a comunicação era um caminho necessário. Nesse triênio, iniciamos o observatório da comunicação, que seria a CRB tendo uma visão crítica e observando e ajudando a Igreja do Brasil. O objetivo era refletir e levar para a CRB e para a CNBB como estávamos vendo a realidade e como poderíamos avançar nessa visão crítica, a serviço da vida, a serviço do Evangelho.

Ir. Maria Neusa: Essa iniciativa é muito pertinente. A sua equipe, a presidência em si, teve essa necessidade de juntar leigos e religiosos para ter esse olhar crítico da comunicação. Esse também é um desafio das comunidades religiosas hoje?

Irmã Maria Inês: Com certeza, continua sendo um desafio. Essa observação crítica dos meios de comunicação dói profundamente, quando vemos a polarização que o mundo está vivendo dentro das nossas comunidades. Consagrados e consagradas, com uma formação acadêmica grande, às vezes, acreditam e seguem fake news, apoiando o fundamentalismo. A comunicação e os meios de comunicação da nossa conferência devem realmente ajudar para que sejamos uma Igreja una, que viva os valores evangélicos a partir de Jesus, pensando como Jesus e agindo como Jesus.

Ir. Maria Neusa: Em seus 10 anos de serviços diretos à conferência, contínua, mas diretamente, há outros aspectos que a senhora gostaria de deixar

registrados aqui, dessa caminhada de profetismo, de mística, de esperança da Vida Religiosa?

Irmã Maria Inês: Vejo que, nossa conferência, ao longo dos 70 anos, sempre percorreu caminhos de profecia e teve muitos avanços, de acordo com a época. O que desejo é que prossiga, que as novas diretorias e grupos que assumam as coordenações, tanto nacional como nas regionais, pensem em caminhar em unidade, olhando as realidades prementes da nossa época. A CRB abraçou e continua abraçando diversas questões, como a prevenção dos abusos na Igreja e a questão indígena. O desejo que tenho é que prossiga e esteja atenta aos sinais do Espírito nos nossos tempos.

Ir. Maria Neusa: Houve a criação do Núcleo Mendes no seu mandato. Essa era uma resposta bem concreta para toda essa realidade da proteção da criança e do adolescente?

Irmã Maria Inês: Foi exatamente isso, já que o trabalho da Rede Um Grito pela Vida, que já tem 15 anos na CRB, estava em andamento. Esse trabalho trata da questão do tráfico humano e também da situação dos abusos, envolvendo conscientização, acompanhamento e denúncias em todo o Brasil, por meio da equipe da Rede Um Grito pela Vida, espalhada por todo o país, com membros, pequenas coordenações e lideranças. Na época do Papa Francisco, com o moto próprio "Vós sois luz do mundo", sentimos o clamor da Igreja com essa questão dos abusos. Quando o Brasil foi escolhido pela Comissão Pontifícia para a Proteção das Crianças e dos Adolescentes, através da nomeação de um membro leigo consagrado, o Sr. Giovanelli, que ainda é membro da comissão pontifícia, nos procurou. Ele procurou a CRB e a Conferência dos Bispos, pois o Brasil foi escolhido para ações concretas de prevenção e conscientização. A CRB foi a primeira a dar esse passo de iniciar esse trabalho de conscientização e prevenção. O resultado foi a criação de um núcleo, um escritório para acompanhar e colaborar com a Vida Consagrada e as dioceses do Brasil nessa realidade. A primeira iniciativa foi conscientizar, acolher, orientar, dar formação e colaborar na criação de comissões de proteção na Vida Consagrada e nas dioceses do Brasil. Esse trabalho está acontecendo com muitos desafios, mas o desejo é que ele cresça, pois precisamos lidar com essa realidade.

Ir. Maria Neusa: O que a CRB é para a senhora ou a senhora para a CRB?

Irmã Maria Inês: É interessante. Tenho 53 anos de Vida Consagrada e, desde o início, participei da CRB. Sempre vi a CRB como um órgão que congrega, anima e forma. Por que congrega? Lembro-me de quando era júnior, no início da minha Vida Consagrada em Curitiba, e a CRB local tinha um coral. O maestro era da Universidade Católica do Paraná, muito preparado, e éramos cerca de 70 religiosos que cantavam em ordenações, profissões e jubileus. Sempre participei da CRB como um órgão de unidade, diálogo, formação e animação para a Vida Consagrada,

o que me ajudou muito a ser mais religiosa e mensageira do amor divino, que é o carisma do meu instituto. Amo a CRB Nacional com alegria. Agradeço a Deus pela existência da conferência nesses 70 anos, e tenho uma segunda alegria, pois minha congregação também nasceu em 1954. Louvor a Deus pela existência da conferência e parabéns a todos os consagrados e consagradas do Brasil. Uma gratidão imensa a todos que construíram essa conferência, aos religiosos e religiosas que já viveram e estão na casa do Pai, intercedendo por nós e abençoando a Vida Consagrada no Brasil!

